

# Beefsummit: Eu fui! (Parte 2)

Por *sergioraposo* em 15 de dezembro de 2013

Continuamos o relato do Beefsummit que ocorreu esta semana, nos dias 10 e 11, em Ribeirão Preto e cujo primeiro dia esta relatado

em <http://sites.beefpoint.com.br/sergioraposo/2013/12/14/beefsummit-eu-fui-parte-1/> .

O segundo dia começou com a excelente palestra do economista chefe do Rabbobank do Brasil, Robério Costa. Ele iniciou sua palestra demonstrando os caminhos dos trilhões de dólares que saíram dos EUA, mostrando que estes são os grandes compradores do mundo e a China, como grande vendedora, o principal destino. Mostrou também, como a oferta e procura da moeda deve se comportar no próximo ano. Segundo seus dados a realidade é que a taxa de câmbio no Brasil está bem depreciada e, mesmo um dólar a R\$ 2,50 estaria 30% defasado em relação a cotação relativa a uma cesta de moedas. O recado foi claro e complementado com uma brincadeira: “Não adiem sua viagem ao exterior! Ela deve ficar mais cara!”.

Esse desafio do câmbio, segundo ele, pressiona a já alta inflação que beira o teto da meta. Enfatizou que o governo precisa reverter o desequilíbrio fiscal e, especialmente, não usar de artifícios, como o repasse de bilhões aos bancos de fomento estatais para atingir a meta do superávit primário, um dos exemplos de contabilidade criativa.

Comentou que, apesar das nuvens negras que pairam sobre o cenário macroeconômico nacional há ainda chance de ter boas notícias, uma vez que o emprego segue firme e porque ano que vem as eleições e a Copa devem ajudar a aquecer a economia. Se a China apresentar bom crescimento e demandar um aumento de compra de *commodities* e os EUA não crescerem muito, o que afetaria o fluxo de dólares para o Brasil e pressionaria demais o câmbio, as perspectivas melhoram. Como, mesmo sem um grande arranque lanque, o Real deve se desvalorizar frente ao dólar, as exportações podem ser beneficiadas, uma vez que nossas carcaças em Real ficam mais baratas no mercado externo e, portanto, mais competitivas.

Em seguida, tivemos um verdadeiro show com a palestra de Osler DeSouzart, da ODConsulting. Com muito bom humor, que não interferiu em nada com a profundidade do conteúdo, desfilou slides repletos de informação dos mercados de carnes. Apesar de o título dizer “Cenário do mercado de aves, suína e bovina em 2014”, foi muito além, trazendo importantes reflexões sobre para onde podemos ir daqui a 50 anos!

Em destaque o enorme potencial que temos de aumento de demanda de carne, especialmente na Ásia. Ocorre que, segundo Osler, os recursos naturais deverão frear a carne bovina como fonte principal de proteína animal que será papel das carnes de aves e suínos. Comentou que, para haver o suprimento dessa demanda pela carne bovina seriam necessários mais dos planetas-terra. Ainda que isso seja baseado em dados pessimistas (o que parece ser o caso!), é algo que devemos não perder o foco.

Um dos comentários bem-humorados e muito esclarecedores é que ele “tem pena de quem pensa que carne de frango vende bem porque é carne barata” e que a razão correta é porque “o frango é a Coca-Cola das fontes de proteína animal”. Ilustrou isso de forma hilária ao representar um turista num local exótico em um restaurante que, ao ter sugerido a ele um prato local de nome impronunciável, ainda que explicado ingrediente por ingrediente (obviamente, todos também de nomes exóticos e impossíveis de entender), fica aliviado ao saber que tem frango.

Outro ponto muito interessante foi mostrar que apenas dois países reúnem todas as condições para atender a demanda futura de carne: os EUA e o Brasil. Em mais um comentário xistoso comentou que “apenas um antiamericanismo de centro acadêmico da pior espécie pode explicar a resistência do governo brasileiro em negociar com os EUA” e conseguir um acordo de interesse a ambos.

A manhã terminou com a primeira palestra de um estrangeiro. Foi de John Stika cuja palestra tinha o título “Certified Angus Beef (CAB): uma ideia nova há 35 anos e um grande sucesso nos dias de hoje”. Ele é o terceiro presidente da história do CAB. Ele começou contando como era o cenário no qual o selo foi criado, em que havia uma verdadeira “guerra contra as carnes vermelhas” que ameaçava o negócio. Ao mesmo tempo, as exigências para a classificação da carcaça bovina como “choice”, a de mais alto valor, foram relaxadas pelo órgão responsável nos EUA. Isso fez com que o grau de satisfação do consumidor consumindo a carne “choice” fosse diminuído.

A ideia do selo seria, então, valorizar a carne pelos atributos de qualidade, uma oportunidade que o relaxamento das normas ajudou, e recuperar a renda. A forma como foi organizado o selo foi muito interessante: o único ativo que a CAB tem é exatamente a marca. Para recebê-lo a carcaça tem que atender 10 requisitos cientificamente escolhidos, o que é uma barreira para 3 em cada 4 carcaças avaliadas. É esse elevado grau de exigência que tem garantido a experiência superior ao consumir o produto que, por sua vez, garante a maior remuneração de todos os elos da cadeia.

Trabalham no CAB 117 pessoas contratadas para manter a

qualidade do produto e o reconhecimento pelos consumidores. Aliás, há um trabalho constante de educação e esclarecimentos ao consumidor. Um dos desafios da marca é evitar confundimentos com outros selos de qualidade da raça (existem muitos outros).

Em seguida, houve a palestra de outro americano, Jesse Wormack, que pintou um quadro bastante sombrio da pecuária de corte americana. Além de dois anos de terrível seca, que reduziram o rebanho e o capital, são inúmeros os problemas da cadeia de carne bovina americana.

Há, por exemplo, uma falta muito grande de jovens interessados em continuar o negócio pecuário. Ele mesmo se considera um caso a parte. Outro grave problema é a competição de mão de obra por setores que pagam melhor. Citou a grande novidade do setor de energia, a exploração de Gás de Xisto, cujas áreas se sobrepõem a muitas áreas tradicionais de pecuária, pagando um salário muito melhor do que a pecuária, enfim, um competidor difícil de ser batido. Ele enfrenta esse problema em sua propriedade no Texas.

No final, ele tentou fazer um contraponto, mostrando lados positivos, como, por exemplo, a recuperação dos preços pagos ao produtor, avanços tecnológicos e iniciativas para estimular os jovens a voltar ao campo, mas a síntese final ainda foi de um saber meio amargo.

A penúltima palestra foi proferida por Thomas Eckschmidt, da Paripassu, responsável pela rastreabilidade das carnes produzidas para a rede Pão de Açúcar, com a marca Taeq. Sua apresentação, com o título “Capitalismo consciente: o que é, quais mudanças vem trazendo, o que esperar e como aplicar no seu negócio” foi bastante filosófica no sentido que a ideia é fazer com que o lucro seja uma consequência de um fim maior, ou seja, a produção de carne de qualidade que deve ser o fim e o ganho vem de se fazer bem feito, que traz o reconhecimento do consumidor. No caso o termo “bem feito” engloba ter a atividade ambientalmente sustentável e socialmente justa.

O evento foi concluído com uma palestra-show de outro mestre da comunicação, o hoje professor José Luiz Tejon, na qual ele contou sua história de superação na vida. Nos seus ensinamentos listou os pontos que levam ao sucesso. Com certeza não serei capaz de listá-los completamente, mas seguem alguns que me chamaram mais a atenção: 1) Não ficar preso ao passado: o velho precisa ceder espaço para o novo; 2) Abraçar os desafios com coragem; 3) Em qualquer atividade que se propor a fazer, fazer bem feito; 4) Escolher aonde colocar o olhar: concentrando o seu olhar nos bom exemplos, você vai se tornar um!; 5) Manter o processo sempre com ética. Por fim, uma frase marcante: “O que eu penso do mundo, não muda o mundo...mas o que eu penso do

mundo, muda minha vida!”.

Além da satisfação de ter acertado ao enfrentar dois dias de estrada (um na ida e outro na volta) para participar do evento, pude concluir que:

1) A pecuária brasileira tem ótimos representantes que, além de honrarem um legado de coragem e desprendimento dos seus ascendentes, fazem um trabalho brilhante, alicerçado em boa técnica e com gosto por fazer a atividade preencher o tripé da sustentabilidade: lucrativo, ambientalmente correto e socialmente justo;

2) O futuro reserva tempos muito interessantes para aqueles que não perderem o bonde da história e partirem para a profissionalização. As palavras chaves para a pecuária do futuro são: gestão e tecnologia. Os que, desde já, elegerem esses aspectos como prioridade aumentam a chance de viver (bem) esse futuro;

3) A gestão de mão-de-obra que a coloque no centro das preocupações, com atividades de valorização e capacitação, deve ser perseguida com afinco;

4) Os desafios ambientais são grandes e não devem ser desconsiderados. A resposta é produzir com maior eficiência e assim poupar os recursos naturais. Algo que não foi falado em nenhuma palestra, mas que, na minha opinião, deve entrar na agenda é o pagamento por serviços ambientais aos fazendeiros com as obrigações ambientais em dia;

5) Cuidar da sanidade do rebanho e investir em qualidade da produção e do produto é fundamental para garantir acesso aos melhores mercados internacionais;

6) O investimento em assistência técnica e pesquisa são fundamentais e precisa ser grandemente aumentado, se quisermos resolver bem as questões de 1 a 5!

Que novos eventos dessa grandeza sejam realizados e que, cada vez mais, as pessoas tenham acesso às valiosas informações que eles proporcionam. Terminando parabenizando toda equipe do Beefpoint pelo excelente trabalho, desde a concepção até o apagar das luzes, e em especial ao Miguel Cavalcanti que com brilhantismo e simpatia conduziu os trabalhos.

